

AVALIAÇÃO DO TRABALHO CONJUNTO ENTRE A COMUNIDADE
DO PARANOÁ (CEDEP) E A UnB

(05)

O trabalho da universidade junto ao movimento popular e comunitário sempre foi um desafio. Geralmente a universidade atua nas comunidades apenas para o estágio de seus alunos, sendo quase nulo o retorno do trabalho para a própria comunidade. O Projeto Rondon foi o clássico exemplo deste esquema, surgindo mais tarde os "campus avançados". Nesta linha se insere o trabalho do Decanato de Extensão da Universidade de Brasília que representa pois um avanço.

De outro lado as comunidades carentes do país têm uma história de assistencialismo e dependência que as mantêm sem organização e submissas, massa fácil de manobra por parte do governo, de grupos religiosos e políticos.

Para fazer face a isto, um grupo da comunidade resolveu em 1984 se organizar como "Grupo Pré-Melhorias do Paranoá" e em 1985, este grupo de que fazíamos parte, foi eleito para dirigir a Associação de Moradores do Paranoá. Devido nossa atuação crítica frente ao governo José Aparecido e sua política de remoção de favelas, fomos vítimas de campanha difamatória e não pudemos ver nossa chapa reeleita.

Como já mantínhamos várias atividades educacionais, culturais e comunitárias, resolvemos criar o Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá - CEDEP, em agosto de 1987. Ao longo destes anos tivemos bom contato com a Universidade de Brasília, cuja atuação passaremos a avaliar.

1- A contribuição de professores e alunos em áreas onde não tínhamos condição de desenvolver um trabalho à altura, foi muito importante para as nossas atividades, como a educação de adultos, a pré-escola e a assistência ao poço artesiano.

2- Algumas falhas ocorreram nestes três anos de atuação conjunta, como a não implantação do Núcleo de Extensão do Paranoá. Muitas atividades que a UnB desenvolve aqui, como por exemplo na área de saúde, poderia ter uma participação maior de nosso grupo, ficando as atividades muito setorizadas.

3- A partir do Prof. Ricardo sentimos um comprometimento maior da universidade, principalmente numa dimensão mais política, embora no final o trabalho tenha ficado um tanto solto. Atualmente com Doris e Luiza esperamos que o entrosamento se torne realmente efetivo, com real participação de nosso grupo, inclusive na avaliação das atividades.

4- As greves e paralisações nos afetaram muito. Apesar de entendermos e apoiarmos a luta por melhores condições na universidade, os trabalhos comunitários não podem parar. O compromisso com a comunidade vai muito além de uma paralisação institucional.

5- Sentimos uma certa desorganização em alguns departamentos da UnB, como a Engenharia, que se comprometeu consertar uma bom-

ba submersa. Após três meses, como não conseguíamos reavê-la, também por causa da greve, conseguimos localizá-la toda desmontada. Ao vendê-la, pois havíamos mudado o sistema de bombeamento, verificamos que algumas peças haviam desaparecido, o que nos obrigou a repassá-la como sucata, por um terço do valor real. Para uma comunidade carente isto é de se lamentar.

6- A comunidade está cansada de ser usada para trabalhos e teses de alunos, sem posterior retorno. A experiência da educação (alfabetização de adultos e pré-escola) mostraram, digo, mostrou que é possível fazer algo além de uma simples pesquisa. Algumas expectativas levantadas, como o jornal comunitário e o jornal mural, que não foram levadas em frente ou se resumiram apenas ao trabalho universitário, criou uma frustração no grupo.

7- O acompanhamento do trabalho de alfabetização de adultos poderia ter tido uma supervisão maior ou do Departamento de Educação ou do Núcleo de Extensão. No caso da pesquisa do INEP, perguntamos até que ponto o trabalho dos estagiários da UnB foi feito com seriedade, em se tratando de uma pesquisa a ser encaminhada para o Ministério da Educação.

8- Como foi constatado, que falta uma dimensão política a muitos membros do grupo de Educação do Cedep, achamos que isto era um dos pontos básicos do projeto que estava implantado, já que o método adotado de Emília Ferreira e Paulo Freire deveriam levar a isto. Devido à fragilidade do Cedep, esperávamos que esta tarefa já estivesse prevista na própria filosofia do trabalho, ocupando-nos de acompanhar mais os outros grupos. Relativamente consideramos que os alfabetizados cresceram mais que muitos monitores, o que revela uma falha no acompanhamento do trabalho.

9- Faltou troca de experiência com outros grupos de alfabetização acompanhados pela própria UnB, como o de Ceilândia. Nossa experiência ficou muito fechada no Paranoá. Se algumas vezes houve convites para a participação de Seminários na UnB, este espaço era mais para se ouvir do que para falar. Faltaram encontros, onde os monitores tivessem oportunidade de colocar seus problemas com pessoas do mesmo nível cultural e social. Verificamos que faltou sensibilidade ao Decanato em perceber que há uma grande distância entre uma experiência em favela e uma experiência em cidade satélite ou em cidade de algum outro Estado do Brasil.

10- Lamentamos que o galpão ou escritório da UnB no Paranoá, não esteja sendo usado também pela comunidade com mais frequência, devido talvez aos problemas levantados anteriormente. Esperamos que num futuro próximo ele seja um local de referência da comunidade.

A pesar de todas estas falhas, achamos que é muito importante a continuação deste Núcleo de Extensão, que trará benefício não apenas à comunidade, como também aos estagiários e professores. Aqui

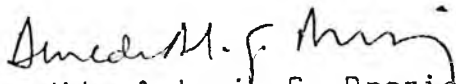
também o educando ensina o educador.

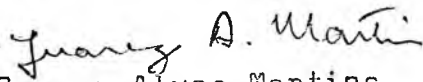
PROPOSTAS PARA O FUTURO

- 1- A regularização o mais urgente possível do Núcleo de Extensão do Paranoá.
- 2- O apoio aos trabalhos de assentamento, como sempre ocorreu neste último ano.
- 3- Assessoria ao Cedep e aos grupos comunitários, no sentido de capacitar novas lideranças.
- 4- Apoio a um futuro trabalho com adolescentes que o Cedep deseja implantar no Paranoá, para montagem de oficinas de artesanato e outras atividades.
- 5- Realização de um seminário (taller/oficina) para, juntamente com outros grupos que trabalham com alfabetização de adultos em periferia, se capacitar mais os monitores, com uma troca de experiência.

Aproveitamos para agradecer a valiosa colaboração da Universidade de Brasília e colocamos que as observações foram no sentido de que este trabalho se torne cada vez melhor e mais produtivo para todos.

Brasília, 26 de março de 1990


Benedito Antonio G. Preziosi
Presidente do CEDEP


Juarez Alves Martins
Vice-Presidente

RELATÓRIO DO PROJETO DE ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS.

1 - HISTÓRICO DO PARANOÁ

Após a construção da barragem do Lago Paranoá em 1960, obra que fazia parte do projeto urbanístico de Brasília, várias famílias vieram ocupar as casas do acampamento da construtora que estava sendo desativada, assim começava mais uma favela, iniciada como tantas outras com trabalhadores que vieram construir a nova capital. Ao invés de diminuir, a favela foi crescendo e em 1970 já contava com quase 6 mil moradores.

No início dos anos 80 a população já ultrapassava os 10 mil habitantes. Com o apoio do Partido dos Trabalhadores, em 1979 foi fundado a Associação de Moradores, que começou organizar a população na conquista de algumas melhorias, como linhas regulares de ônibus, instalação de luz, distribuição de água e escola.

O governo sempre receoso da fixação deste núcleo, situado entre o Lago Norte e o Lago Sul setores nobres de Brasília, tudo fazia para desarticular a nova entidade. Depois de dois anos de vida e após várias crises, a Associação praticamente parou. Foi então que surgiu, com militantes da Igreja Católica e remanescentes de outros grupos, um pequeno movimento chamado "Grupo Pró-Melhoria do Paranoá".

Em fevereiro de 1985 este grupo consegue vencer as eleições da Associação de Moradores, retornando as lutas reivindicatórias da favela. Por dois anos os trabalhos se desenvolveram bem, tendo sido priorizado a luta pelo assentamento, as atividades educacionais e culturais como a alfabetização de adultos e o apoio à cultura popular.

Evidentemente este trabalho de conscientização não agradou o governo e por ocasião da renovação da diretoria em 1987 a chapa oficial foi derrotada, entrando um grupo bastante "pelego". Para que os trabalhos que desenvolvíamos não parassem, resolvemos criar o Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá - CEDEP, que reformava o mesmo espírito do "Grupo Pró-Melhoria".

Um dos principais problemas do Paranoá, que hoje conta com 40 mil habitantes é a falta de condições para que o adulto iletrado chegue à escola. Soma-se a este, os graves problemas sociais, existentes na grande parcela dos moradores, com 50% da população jovem e muita analfabeta, a alta taxa de desemprego e subemprego e número elevado de crianças em idade escolar fora da escola, gerado pelo contexto sub-humano aqui reinante e falta de infra-estrutura, como esgoto, água canalizada e, em algumas áreas, luz.

2 - HISTÓRICO DO PROJETO

O projeto de Alfabetização de Adultos assessorado pela Universidade de Brasília² que está funcionando há 3 anos, surgiu da necessidade de erradicação do analfabetismo no Paranoá.

Como a Fundação Educacional de Brasília não pôde assumir esta tarefa por vários motivos, um grupo que se encontrava na Associação de Moradores, após realizar um censo populacional no final de 1986, verificou que 70% da população era analfabeta. Por isso aquele grupo, sentindo o problema assumiu este compromisso de alfabetização.

A princípio começamos com uma turma experimental de 10 alunos com 9 monitores da comunidade e 6 alunos da Universidade de Brasília, sob a coordenação da professora Maria Alice Pitaguary, do Departamento de Educação da mesma universidade.

As aulas iniciais eram dadas por alunos da Universidade de Brasília e a equipe da comunidade observava as aulas dadas. Discutiam a metodologia aplicada e textos sobre Educação. No primeiro semestre cada monitor dava aulas de 1 hora enquanto os outros observavam, e no 2º tempo discutiam os procedimentos didáticos utilizados durante a aula.

O trabalho se inspirava na filosofia de Emília Ferreira e na vivência do próprio Grupo de Educação.

No segundo semestre foram feitas novas matrículas, formando assim mais cinco turmas de 10 alunos. Nas turmas ficaram um monitor e uma auxiliar pedagógica. Essas auxiliares observavam e faziam material pedagógico para que no ano seguinte pudessem também assumir uma nova turma, aumentando assim o trabalho.

Este processo se deu nos anos de 1987 e 1988. No ano de 1989 foi feito um novo curso de capacitação que reuniu doze candidatos, sendo que só quatro chegaram a terminar o treinamento e hoje estão atuando no projeto. Este curso de capacitação foi coordenado e aplicado por Valéria Barros e Edite alunos da Universidade de Brasília e assessorado por João Bosco Bezerra do Grupo de Educação do CEDEP.

O objetivo do curso foi capacitar auxiliares pedagógicas a alfabetizar através de dinâmica que possam:

- desenvolver habilidades de condução de debates;
- desenvolver habilidades de compreensão da aprendizagem da leitura e escrita;
- desenvolver capacidade de seleção, confecção e utilização do material pedagógico eficientes e variados para alfabetização de adultos;
- compreender a problemática da alfabetização no âmbito sócio, político e econômico a nível local e nacional, etc.

Proposta de Plano de Curso

1. Objetivo
2. Conteúdo programático
3. Metodologia
4. Recursos
5. Bibliografia
6. Avaliação

Convém assinalar que no primeiro ano funcionávamos em espaços



cedido pela Igreja Católica e atualmente estamos usando as salas da Escola Classe nº 01 e Escola Classe nº 02 da Fundação Educacional de Brasília.

A nossa pretensão é futuramente trabalharmos em pequenos grupos de estudos na comunidade, ocupando os espaços disponíveis na comunidade ou seja, levando a escola ao aluno.

3 - OBJETIVO

O objetivo geral é erradicar o analfabetismo na Vila Paredão.

Os objetivos específicos são:

- . desenvolver a consciência da comunidade para que lute por seus direitos;
- . ensinar a ler e escrever, que é uma forma de libertar as pessoas das barreiras e dos preconceitos impostos pela sociedade;
- . desenvolver o espírito cooperativo e comunitário;
- . desenvolver as capacidades de fazer, falar e comunicar das pessoas;
- . envolver os monitores e alunos nas lutas da comunidade;
- . incentivar o alfabetizando a fim de que faça melhor a leitura do mundo e tente contribuir para a modificação da comunidade em que vive, descobrindo o "eu sou capaz".

4 - ETAPAS PRÉ-FIXADAS

- a - Chamada de alunos utilizando cartazes, panfletos, anúncios nas entidades, rádios e carro de som;
- b.- matrículas e testes de sondagem para verificar o que o candidato sabe. Este teste é constituído de leitura de embalagens, pequenos textos, ditado de palavras e escrita de nomes e pequenos problemas envolvendo a moeda do país e o uso de números;
- c - após a análise dos testes as turmas são divididas por níveis de aprendizagem: pré-silábico, silábico e alfabético;
- d - produção semanal de material e planejamento;
- e - testes de avaliação do desempenho dos alunos para mudança de nível.

5 - METODOLOGIA

Como metodologia estruturamos uma alternativa didático-pedagógica a partir das pesquisas efetuadas por Emília Ferreiro, Paulo Freire e pelo próprio Grupo de Educação do CEDEP.

O conteúdo é baseado na discussão da realidade do aluno, através de temas do seu dia-a-dia, como a falta de água, a mortalidade infantil ou o assentamento da favela.

Os temas são levantados de acordo com a vivência dos alunos. Antes os monitores fazem uma preparação das discussões sobre estes temas (pesquisas, consultas, elaboração de cartazes, textos, desenhos etc.)

Em seguida há a sistematização dos dados levantados, o comentário, a complementação com o conhecimento dos monitores e as conclusões sobre o tema discutido.

Após o levantamento das expectativas dos alunos sobre o que necessitam e desejam aprender e a avaliação sobre o tipo de conhecimento que dominam, é feita a formulação dos objetivos específicos para o ensino de matemática e linguagem para cada classe, de acordo com suas necessidades.

Finalmente programamos as atividades para cada classe de acordo com os objetivos apontados, adequando estratégias e recursos.

Procuramos sempre que possível incluir nos materiais instrucionais problemas e reflexões que remetam ao cotidiano dos alunos: cálculos de preços de produtos, passagem, salário etc.

Descobrir em que estágio de aprendizagem e as hipóteses sobre a língua escrita que o alfabetizando se formula.

Elaboramos o material apropriado ao estágio de aprendizagem em que se encontra os alunos (treinando a leitura e escrita por parte do monitor/professor e aluno, jogos, etc.)

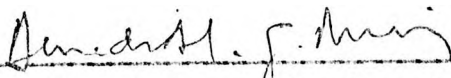
Constantemente avaliamos o uso das estratégias e recursos utilizados com o aluno para possíveis correção ou reforço.

6 - CONCLUSÃO

Com todas as dificuldades encontradas ao longo destes anos, podemos dizer que a existência do projeto hoje é uma grande vitória. Nota-se uma maior conscientização dos alunos, verificando sobre tudo no ano passado por ocasião das eleições presidenciais.

Neste início de ano estamos enfrentando uma grande dificuldade que é a transferência do Paranoá para outra área, que não tem luz. Assim partes dos alunos não saem de casa à noite, deixando de vir à escola. Mas esperamos que este problema possa ser solucionado em breve.

Brasília, DF., 26 de Março de 1990.



Benedito Antonio G. Prezia
Presidente do CEDEP.



Zilma Cossemiro Gomes
1ª. Secretária



Maria de Lourdes Pereira dos Santos
coord. Grupo de Educação